

## PERFIL DE ATUAÇÃO DA PSICOLOGIA ESCOLAR/EDUCACIONAL NA CIDADE DE VITÓRIA DA CONQUISTA - BA

*Wallace Sousa Cruz*

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB

*Hétone Rodrigues Rocha*

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB

*Igor Andrade Santos*

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB

*Carmem Virgínia Moraes da Silva*

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB

Resumo: O presente trabalho objetivou analisar o perfil da atuação da (o) psicóloga (o) escolar/educacional em Vitória da Conquista - Ba e vincula-se a uma pesquisa mais ampla, de cunho qualitativo, desenvolvida no âmbito do componente curricular Psicologia e Educação, do curso de bacharelado em Psicologia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, que teve como *modus operandi* o ensino com pesquisa. Como objetivos específicos a pesquisa se propôs a identificar quais os focos de atuação desses profissionais e compreender o paradigma que orienta seu exercício profissional. A pesquisa de campo teve como participantes 03 psicólogas que atuam em distintos espaços. Uma desenvolve suas atividades em um cursinho pré-vestibular e as outras duas trabalham em escolas privadas de educação infantil e ensino fundamental. Como procedimento de pesquisa foi empregada uma entrevista semiestruturada, gravada em áudio. O material transcrito constitui o *corpus* de análise deste estudo, a qual está sendo conduzida à luz dos pressupostos da Análise de Conteúdo. Os resultados indicam que as entrevistadas apresentaram uma atuação que se estrutura nos quatro focos de intervenção do psicólogo escolar/educacional propostos por Andrada (2005a). Ademais, se aproximaram de um paradigma mais circular e sistêmico, com práticas preventivas e se distanciando de um pensamento linear.

**Palavras-chave:** ensino com pesquisa, identidade profissional, psicologia escolar e educacional.

### Apresentação

O campo da Educação teve grande importância no desenvolvimento e difusão da Psicologia no Brasil. Assim, de acordo com Barbosa e Marinho-Araújo (2010), o tratamento das dificuldades no desenvolvimento e na aprendizagem dos alunos foram os grandes propulsores dessa relação entre saberes que até hoje apresentam divergências em suas posturas frente aos problemas escolares. Tais divergências dizem respeito a um frequente desencontro entre o que a literatura mais atualizada da área propõe e o que a comunidade escolar em geral espera desse profissional, o que pode ser visto como um dificultador na construção de um perfil de atuação mais coerente e qualificado.

Nessa perspectiva, o presente trabalho objetiva analisar o perfil da atuação da(o) psicóloga(o) escolar/educacional em Vitória da Conquista. Para tanto, pretende-se identificar quais os focos de atuação dos profissionais participantes e compreender o paradigma que orienta seu exercício profissional. Frente a esses escopos, cabe em seguida uma breve reflexão a respeito dos desencontros entre expectativas equivocadas atribuídas à prática do profissional psicólogo e as formas de atuação tidas como as mais adequadas atualmente, além de suas decorrências históricas.

A respeito dessa desarmonia, segundo Andrada (2005a), tanto o corpo docente quanto os demais atores da escola fazem diversas confusões no que tange à atuação do psicólogo, enxergando-o, na maioria das vezes, como o responsável por ajustar aqueles alunos que desviam dos padrões esperados pela escola. Esse fenômeno, porém, tem suas origens no interior de um processo histórico que ressalta o papel de uma Psicologia Escolar e Educacional, em muito, diferente dos posicionamentos mais contemporâneos dessa área de atuação do profissional do psicólogo.

Nesse processo, conforme a autora supracitada, a Psicologia Escolar/Educacional no Brasil se desenvolveu sob influência das duas maiores referências na área da segunda metade do século XIX, a França e os Estados Unidos. Segundo Barbosa e Marinho-Araújo (2010), tal influência impulsionou a condução de estudos envolvendo pessoas com necessidades especiais e dificuldade de aprendizagem. Já o século XX, segundo Almeida (2002 apud GUZZO et al, 2010), foi marcado por uma Psicologia Laboratorial e, posteriormente, uma postura psicométrica, diagnóstica e positivista (GUZZO et al, 2010), centrando o problema no indivíduo ou em sua origem, acarretando um apassivamento da escola (BARBOSA, MARINHO-ARAÚJO, 2010; OLIVEIRA, DIAS, 2016).

Entretanto, nos anos 1960 tal postura é, ao passo que a Psicologia é chamada para se envolver nos processos educacionais com mais intensidade (BARBOSA; MARINHO-ARAÚJO, 2010; GUZZO et al, 2010). Aliado a isso, um desencanto dos profissionais com a falta de resultados positivos advindos das metodologias utilizadas levou a uma resignificação do papel de tal profissional, sobretudo na década de 1990 (OLIVEIRA; DIAS, 2016). Com toda essa atmosfera, este cenário propiciou a emergência de uma cultura mais dialética e voltada para os ambientes sob uma visão ampliada a respeito da dificuldade de aprendizagem e do desenvolvimento humano com um posicionamento menos individualizado e mais coletivo (GUZZO et al, 2010)

Sobre isso, Andrada (2005b) discute a respeito dos paradigmas que norteiam, ou nortearam, as práticas desses profissionais no âmbito escolar. Segundo a autora, no século XX, um paradigma linear, de causa e efeito, embasou as metodologias de atuação da Psicologia educacional, resultando na eleição de causas para o fracasso do aluno, sem a realização de reflexões críticas sobre suas condições de vida e sobre o papel da escola.

Admitindo, então, uma ressignificação da atuação desses profissionais, Andrada (2005b) apresenta o paradigma circular e sistêmico, o qual deveria incorporar o anterior, potencializando o desempenho da Psicologia nos espaços escolares, dando-lhe um olhar mais amplo sobre as questões do desenvolvimento e da aprendizagem, se afastando da ênfase dada a explicações simplistas, de causa e efeito, e lhe exigindo uma atuação interdisciplinar. Dessa forma, esse novo pensamento sustenta-se em três princípios: o de totalidade, pelo qual se presume uma compreensão dos sistemas indo além da soma de seus nacos, haja vista que o “todo é maior que a soma das partes” (p. 198); o da integridade dos subsistemas, em que cada sistema abriga sistemas menores e que interagem entre si e o da circularidade, o qual admite a mútua influência entre os sistemas e subsistemas (ANDRADA, 2005b).

Nesse sentido, tal postura se efetiva com o reconhecimento de que os profissionais da área devem se distanciar do modelo clínico e consultivo que marcou o século anterior, embora isso não signifique que o atual cenário permita a sinalização da existência de uma identidade predominante na prática a respeito da Psicologia Escolar/ Educacional. Essa limitação é decorrente de múltiplos fatores, mas que no geral encontra suas origens na dinâmica histórica de seu desenvolvimento.

Sobre isso, Guzzo et al (2010) apontam e criticam fortemente a disjunção existente entre teoria e prática nos cursos de formação, assim como nos cursos de pós-graduação, sobretudo no campo da Psicologia Educacional. Esse distanciamento da prática, por vezes, se reflete na distinção conceitual, ainda sem consenso, a respeito da diferença entre o psicólogo escolar e o educacional.

Ainda neste sentido, Barbosa e Souza (2012) se utilizam de uma definição de Mitsuko Antunes, a qual pondera que a Psicologia Escolar, apresenta-se enquanto campo de atuação profissional que tanto debruça-se a respeito das relações que são estabelecidas no convívio escolar, quanto intervêm de forma concreta nesses espaços. Para tanto, deve estar acompanhada pelo domínio teórico dos conhecimentos que transpassam essa interface Psicologia e Educação e recair sobre a produção científica a respeito das atividades desenvolvidas durante a atuação profissional. Por outro lado, Antunes apresenta a Psicologia



Educacional como sendo uma área de conhecimento da Psicologia que carrega consigo um corpus sistemático e organizado, assim como qualquer ciência, com o objetivo de produzir conhecimentos e saberes sobre fenômenos psicológicos que visam atingir o âmbito escolar (BARBOSA; SOUZA, 2012).

Desta forma, percebe-se que essa combinação entre tais perspectivas demonstra o quanto a Psicologia Escolar/Educacional coaduna-se em prol da aplicação do conhecimento psicológico e da atuação deste profissional no âmbito escolar (BARBOSA e MARINHO-ARAÚJO, 2010), sinalizando a não intenção dessas áreas em negar a outra.

Diferente disso, uma maior aproximação entre seus atores, buscando uma aderência mais plena entre teoria e prática, pode desembocar em uma efetivação mais ampla desse histórico processo de ressignificação, desencadeando uma difusão catalisada de novas atividades que se situem mais alinhadas com um paradigma circular e não linear. Ilustrando, brevemente, quais as finalidades dessas novas atividades, Andrada (2005a) propõe quatro focos de atuação a partir dos quais os psicólogos escolares podem planejar sua atuação. O primeiro diz respeito à importância de os profissionais estarem inteirados sobre as teorias do desenvolvimento e da aprendizagem, já o segundo refere-se ao envolvimento de pais e professores no processo de formação dos estudantes (ANDRADA, 2005a). Por fim, o terceiro foco é sobre o esclarecimento das dimensões psicológicas implicadas no processo de ensino e aprendizagem, contudo, podendo recair sobre a necessidade de acessar conhecimentos não abarcados pela Psicologia, enquanto que o quarto se relaciona com a necessidade de compreensão das relações que se estabelecem dentro dos contextos escolares, ou seja, se atentando a possíveis falhas inter-relacionais envolvendo os alunos e os atores escolares (ANDRADA, 2005a).

Enfim, uma compreensão circular das questões escolares, assim como são esses focos propostos por Andrada (2005a), certamente apresenta uma enorme potencialidade de sensibilizar o restante da comunidade escolar, sobretudo demonstrando seus benefícios enquanto atuação mais **preventiva** que **remediativa** (VIANA, 2016), ou seja, focalizando as relações sociais, os afetos, os sentidos e significados e o contexto social dos indivíduos envolvidos nas intervenções, almejando, assim, uma prática emancipatória (GUZZO, 2016).

## Metodologia

A presente pesquisa compõe um estudo mais amplo, desenvolvido no componente curricular Psicologia e Educação, vinculado ao curso de Bacharelado em Psicologia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, sob coordenação de uma

professora/psicóloga. Tal disciplina proporcionou, ao longo de um semestre letivo, mediante leituras de textos e discussões a respeito da atuação do profissional psicólogo no âmbito educacional, uma significativa aproximação em relação aos aspectos que circundam essa interface Psicologia e Educação e foi instrumentalizada com a metodologia de ensino com pesquisa proposta pela sua docente responsável.

Sobre essa ferramenta ainda pouco inserida nos processos de ensino-aprendizagem, Balzan (2000), citado por Almeida, Soares e Beraldo (2010) afirma que a utilização deste recurso é imprescindível para que se alcance um ensino de qualidade, sobretudo dado o contexto contemporâneo de profusões de conhecimentos de forma acelerada. Além disso, o ensino com pesquisa possibilita, conforme Almeida, Soares e Beraldo (2010), uma relação dialética e dialógica entre teoria e prática, resultando na apresentação do discente enquanto protagonistas de seu próprio desenvolvimento.

Essa metodologia instrumentalizou um estudo que envolveu toda a turma de discentes do componente curricular com a meta geral de traçar o perfil da atuação do psicólogo escolar/educacional em Vitória da Conquista. Desse modo, a classe foi dividida em trios, de maneira que a cada equipe cabia entrevistar o número de 03 psicólogos que atuassem enquanto psicólogos educacionais ou escolares, totalizando 33 participantes.

O roteiro de entrevistas foi criado com contribuições da docente e dos discentes, fazendo com que todas as entrevistas pudessem ser feitas a partir de um único instrumento. Além disso, em sala de aula foi feita uma simulação de entrevistas a fim de treinar para a ocorrência da entrevista propriamente dita.

Diante do exposto, se esclarece que este estudo se situa em um campo qualitativo de pesquisa, tendo em vista que essa formatação “é a que melhor se coaduna”, segundo Minayo, citado por Silva (1998, p. 172), “ao reconhecimento de situações particulares, grupos específicos e universos simbólicos”, além de apresentar uma maior flexibilidade para alterações no plano de investigação original (BOGDAN e BIKLEN, 1994).

Dessa forma, recorreu-se a um roteiro de entrevista semiestruturado segmentado em duas etapas. A primeira diz respeito a um Questionário de Informações Pessoais e Profissionais (QIPP) que fora preenchida pelos entrevistadores conforme as respostas eram informadas pelos participantes. Em seguida, mediante gravação em áudio, devidamente autorizadas pelas participantes, passava-se à entrevista, subdividida em nove blocos de perguntas. Os dois primeiros abrigavam questões sobre em que consiste a atuação do psicólogo escolar/educacional, enquanto os dois seguintes abordavam os conhecimentos

necessários para o exercício dessa atuação. Na sequência, dois blocos tratavam dos prazeres e desprazeres dessa função, seguidos por um a respeito dos desafios para a área. Por fim, os dois restantes questionavam, respectivamente, sobre sugestões de temas a serem discutidos em eventos de Psicologia Escolar/Educacional e sobre como havia sido para os depoentes, participarem da entrevista.

A opção por esse instrumento é respaldada pelas suas vantagens: maior eficiência na comparação dos dados de cada sujeito (BOGDAN; BIKLEN, 1994) e a viabilização de certa flexibilidade na feitura da entrevista, não se fechando ao acréscimo de novas questões que pudessem surgir com o contexto.

A amostra é formada por três psicólogas, que se identificaram com o gênero feminino, sendo que duas delas trabalham com estudantes da educação infantil e do ensino fundamental na rede privada, enquanto uma atua em um cursinho pré-vestibular. Resguardando suas identidades, neste trabalho optou-se por utilizar nomes de deusas da mitologia grega para referir-se às entrevistadas: Hera, Atena e Afrodite.

Ressalta-se que anteriormente à entrevista, as profissionais foram contatadas e esclarecidos quanto aos objetivos e procedimentos que seriam utilizados neste estudo, de modo que todos aceitaram as condições de participação, o que ficou documentado com as assinaturas dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) utilizados, seguindo as normas éticas de pesquisas com humanos conforme a resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Posteriormente a isso, as entrevistas foram transcritas de forma literal no processador de texto Microsoft Word.

Enfim, a análise dos dados foi conduzida à guisa da Análise de Conteúdo de Bardin (1977), acrescida das observações de Campos (2004), através de sintetização de categorias apriorísticas a partir dos conteúdos das entrevistas.

## **Resultados e discussão**

A partir do QIPP, cabe a exposição das informações coletadas junto às psicólogas entrevistadas:



Nome	Faixa Etária (em anos)	Tempo de experiência (em anos)	Tempo na atual instituição (em anos)	Jornada de trabalho	Outras Atividades profissionais que realiza	Investimento em formação por parte da instituição
Hera	56 – 60	10	10	30 h	-	Inexistente
Atena	36-40	11	8	30 h	Clínica	Existente
Afrodite	26-30	5	5	30 h	Clínica	Existente

### Quadro 1

Sobre a análise das entrevistas à luz da Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977, CAMPOS, 2010), as categorias apriorísticas correspondem às temáticas abordadas nos blocos de perguntas do roteiro de entrevista. Nesse sentido, a análise se centra nos primeiros sete blocos de questões, já caracterizados na seção anterior, agrupados sob os seguintes conteúdos: **consistência da atuação, conhecimentos envolvidos na atuação, prazeres e desprazeres com esse fazer e, por último, principais desafios da área.**

A respeito do primeiro tópico, quando solicitadas a escrever no que consistia o **ser psicóloga escolar/educacional**, Hera e Afrodite, convergindo em suas respostas, informaram respectivamente, que “é um constante desafio e aprendizado” e que equivale a “lidar com a novidade todos os dias e explorá-las”. Já Atena afirma que **ser psicóloga escolar/educacional** é “estar atenta ao cuidado com o aprender dos alunos, não [...] esquecendo do fazer dos professores”, apresentando assim sua compreensão de que o fazer psicológico na educação deve se atrelar a uma pluralidade de setores da escola, fitando considerar as dinâmicas do ambiente com uma maior amplitude. Quanto a isso, Andrada (2005a; 2005b) comenta que é necessário que os psicólogos escolares tenham uma atuação que busque abranger toda a comunidade escolar, o que inclui a promoção de uma escuta dos professores, acolhendo suas questões e demandas, a fim de promover reflexões mais conscientes sobre o espaço escolar. Essa intenção de uma inserção do profissional nos diversos espaços do ambiente escolar se apresentou, inclusive, frequente nas falas das demais entrevistadas, de modo até mais amplo: **Hera:** “Então eu sou aquela psicóloga que participa mesmo de tudo”; **Atena:** [...] “não adianta a gente pensar só no aluno se eu nunca instrumento o professor pra cuidar daquele aluno”; **Afrodite:** “eu tenho, eu envolvo também os professores e funcionários[...], mas os

que a gente acaba atuando mais são os alunos que acaba também sugando muito isso de atenção, de tempo”.

Destarte, essa última fala dessa última uma dimensão ainda mais larga na atuação do profissional de Psicologia Escolar/Educacional, perspectiva também compartilhada por Atena, a qual também informou que, por vezes, “precisa fazer a escuta dos pais”. Num sentido semelhante, Hera explicou que sua prática apresenta uma diversidade de focos, frequentemente fornecendo orientações aos familiares, aos professores da instituição, trabalhos grupais envolvendo alunos, além de manter um constante diálogo com profissionais de outras áreas, demarcando assim a vasta abrangência que sua prática apresenta dentro da escola, se verificando uma atuação fortemente ligada ao terceiro foco de intervenção de Andrada (2005a):

**Hera:** Então não é uma coisa muito... só fechada. Porque essa atuação você trabalha com o profissional de educação, você trabalha com os pais, você trabalha com a criança, você trabalha com a família toda, que às vezes é necessário que você converse com os avós, com os tios, com a professora de reforço, [...]. Então é muito abrangente.

**Hera:** [...]às vezes essa criança precisa ser retirada e vir pra sala pra a gente fazer uma dinâmica, um desenho, uma brincadeira com ela ou até ter uma conversa, né? Depois a gente leva aquilo pra sala em forma de... de... dentro do coletivo.

Nesse sentido, a complexidade que envolve os elementos escolares não poderia ser completamente contemplada pela Psicologia. Com isso, a interdisciplinaridade com outros profissionais e outras áreas do saber é indispensável para uma atuação positiva dos psicólogos escolares (ANDRADA, 2005a; OLIVEIRA, DIAS, 2016; VIANA, 2016; FONTENELE, MELO, 2016). Sobre isso, percebe-se também um alinhamento com o paradigma circular, perspectiva teórica discutida e defendida por Andrada (2005b).

Cabe destacar que as entrevistadas fizeram um delineamento sobre suas práticas dentro de suas instituições de ocupação buscando distanciá-las de uma metodologia mais clínica, reconhecendo então que a Psicologia Escolar/Educacional apresenta também um posicionamento de promover saúde, entendimento compartilhado por autoras como Casemiro, Fonseca e Secco (2014) e Ronchi, Iglesias e Avellar (2018), mas sob um outro *modus operandi* que se afasta dos atendimentos individualizados enquanto ferramenta principal, mas que se aproxima mais das intervenções que visam atingir os grupos, o que corrobora com discussões de autoras como Guzzo et al (2010), Oliveira e Dias (2016) e Viana (2016): **Hera:**



“Faço o grupo em sala. Porque o psicólogo educacional ele não pode tá intervindo individualmente com a criança, como é o profissional na clínica”;

**Afrodite:** [...] eu trabalho com atendimento individual dos meninos, então dando suporte urgência emergência [...] a gente faz encaminhamento quando é necessário, não pode fazer terapia o psicólogo escolar, de jeito nenhum, então vinculado a empresa se aluno precisa de terapia ele tem que ir pra fora, aqui a gente faz só um atendimento de acompanhamento e orientação muito pontual, né? A gente faz [...] mas a minha intervenção aqui é muito mais fora, eu faço projeto, roda de conversa, oficina, projeto em grupo.

Seguindo a discussão, Atena e Afrodite reiteram suas ênfases na real inserção do profissional da Psicologia Escolar/Educacional nos distintos nacos da instituição, considerando, dessa forma, que é imprescindível que este conheça o funcionamento do espaço escolar e como se dão suas dinâmicas. Para esse fim, Andrada (2005a), em seu primeiro foco de intervenção apresenta que é de fundamental importância que o profissional conheça o Projeto Político Pedagógico (PPP), bem como participe de sua atualização, uma vez que este deve embasar as ações desenvolvidas dentro do espaço escolar. A respeito desse instrumento, Atena salienta que ao ser contratada, os membros da coordenação “tiraram uma xerox da parte [...] [que diz respeito à] atuação do psicólogo [no PPP]” e lhe apresentaram e, a partir dos anos seguintes, passou ela contribuir para sua atualização. Além do mais, a entrevistada alega que a Psicologia se faz muito necessária enquanto detentora de saberes que dizem respeito ao desenvolvimento humano e que esse conhecimento deve ser levado em conta durante a elaboração desse documento. Já Afrodite e Hera, apresentam uma outra realidade que vai de encontro às proposições de Andrada (2005a) quanto ao PPP, visto que apesar de terem ciência da existência desse instrumento e da necessidade de sua atualização regular, elas apresentaram pouca afinidade com os documentos de cada instituição:

**HR<sup>1</sup>:** Certo. Tem algum momento desse projeto que trata sobre a atuação do psicólogo escolar e educacional?

**Hera:** Olha, eu não sei te responder essa pergunta.

**HR:** Tudo bem.

**Hera:** Assim, eu conheço esse projeto político pedagógico em várias... em vários fragmentos. Mas provavelmente tem sim, porque é uma escola que nunca deixou de ter psicólogo.

[...]

**HR:** Ah, interessante. É... ce sabe a regularidade em que esse projeto é atualizado?

**Hera:** Es.. esse... esse projeto eu acho que é atualizado a cada.. é... ele tá precisando de uma atualização, mas acho que isso é anual. Agora, porque isso fica mais com a psicopedagoga.

<sup>1</sup> Entrevistador Hétone Rodrigues Rocha, um dos autores do presente trabalho;

**HR:** Entendi.

**Hera:** Entendeu? Embora todos tenho que participar, né?

**HR:** [...] geralmente os projetos são atualizados periodicamente, o daqui também é assim?

**Afrodite:** também é assim.

**WC<sup>2</sup>:** você participa dessa atualização?

**Afrodite:** nunca participei.

**WC:** [...] o PPP trata da atuação do psicólogo, da psicologia na escola?

**Afrodite:** Não.

Afrodite acrescenta ainda que o PPP de sua instituição não dispõe de um espaço tratando da atuação da Psicologia Escolar em seu interior, mas argumenta que os gestores da instituição em que atua acreditam que ter um espaço discorrendo a respeito da atuação do psicólogo e da Psicologia escolar na escola poderia restringir a atuação dessa profissional, de modo que, com a configuração descrita, ela permanece livre para conduzir práticas para além das diretrizes desse documento:

**Afrodite:** [...] eles não botam no Projeto Político Pedagógico, porque eles apostam que, Carlos não é psicólogo, Roberta não é psicólogo, nenhum dos dois donos, eles não sabem o que que a psicologia é capaz, então eles também não se colocam na responsabilidade de ser, de fechar, de cercar o que o psicólogo pode, então a postura deles é o Projeto Político Pedagógico engloba muita coisa, pega o projeto e você tem carta branca para trabalhar em cima desse projeto e para além do projeto, sem dizer o que que o psicólogo tem ou não que fazer.

Todavia, Afrodite alega que a participação do Psicólogo qualificaria a construção do PPP, deixando “o terreno preparado” para a atuação de futuros profissionais:

**Afrodite:** ah, sem dúvida! Sem dúvida. Por exemplo, eu tenho os meus planos, eu não vou ficar no Gema pra sempre [...] quando sair do Gema eu vou ter que deixar materialmente aqui, sabe? [...] penso que a minha função como psicóloga não é só chegar fazer coisas legais depois sumir [...] tem que ficar e passa pro próximo, o próximo vim intervir no que foi feito e fazer de novo [...].

Seguindo a análise sobre a inserção das entrevistadas em seus locais de trabalho, outra estratégia tomada por Atena para conhecer o local onde desenvolve seu trabalho é “andar pelo espaço escolar”. Assim também é a prática de Afrodite: “eu pego temas que eu ouço no corredor, então [...] aquele tema vai virar o assunto de uma próxima intervenção”. Desse modo, fica evidente que tais profissionais não se prendem às suas salas, podendo perceber na prática as demandas apresentadas pelos alunos e profissionais da instituição. Nessa

<sup>2</sup> Entrevistador Wallace Sousa Cruz, um dos autores do presente trabalho.

perspectiva, a postura de atuação apresentada pelas entrevistadas coaduna com a defesa de Andrada (2005a) ao discutir sobre o quarto foco de atuação do psicólogo escolar, argumentando que circular pelo ambiente escolar é uma possibilidade de intervir que diversifica os espaços de escuta de demandas dos atores escolares.

Por fim dessa categoria, as entrevistadas também apresentaram algumas especificidades em suas respostas. A saber, Atena apresentou que considera essencial para a atuação enquanto psicóloga escolar/educacional “permitir que o outro seja o que ele quer ser. Saber respeitar, né? A individualidade, suas particularidades”. Enquanto isso, sugerindo, inclusive que esse fosse um tema a ser tratado em eventos da área, Hera comentou que o lugar desse profissional não está muito bem definido:

**Hera:** Esse lugar que eu acho que é um lugar não muito bem definido, entendeu? Um lugar não muito bem definido.

**HR:** É um lugar não tão bem definido, mas você acha que aqui na escola ele é um pouco mais definido?

**Hera:** Não. Eu acho que em.... No geral não é um lugar muito bem definido.

Por outro lado, ainda mais singular foi a fala da jovem psicóloga Afrodite, ao refletir que o papel dos profissionais dessa área é ir de encontro ao processo formativo que a escola constrói, o qual, segundo ela, é responsável por colocar seus alunos em caixinhas separadas e limitadora de seus pensamentos: **Afrodite:** [...] “eu penso o seguinte, que a atuação do psicólogo escolar é desconstruir tudo que a escola que faz, a gente tá aqui pa ser o calo no pé da escola, eu particularmente lido com a Psicologia Escolar e Educacional dessa forma”. Essa maneira de pensar da entrevistada, ainda que não assumida durante a entrevista, está consoante com o posicionamento adotado pela Psicologia Crítica, conforme autoras como Guzzo (2016).

No que se refere ao tópico **conhecimentos envolvidos na atuação**, Atena ressalta que além dos conhecimentos da psicologia, que não devem se limitar apenas a graduação e sim seguir de forma continuada, a profissional ressalta que o fazer psicológico dentro de uma instituição de ensino deve dialogar com outros saberes, onde a valorização dos demais profissionais é imprescindível. Com isso, essa entrevistada levanta um pensamento presente no conteúdo das três entrevistas e ratificado pela literatura (ANDRADA, 2005a; OLIVEIRA, DIAS, 2016; VIANA, 2016; FONTENELE, MELO, 2016): a importância da interdisciplinaridade na atuação e na formação continuada do profissional de Psicologia Escolar/Educacional como instrumento de qualificação do serviço prestado. Essa importância aparece tanto nas falas que evocam um trabalho em conjunto com os professores quanto nas



que mencionam a parceria com a equipe (ou profissional) pedagógica da instituição. Além disso, outras especialidades, vinculadas a outras áreas do saber, foram mencionadas nas gravações: **Atena:** “[...] não sou eu que vou fazer plano de aula e nem nada disso, mas é importante que eu entenda o que cada série, cada ano trabalha até pra eu poder saber o quê que vai exigir daquele aluno”; **Hera:** “os professores são capacitados no dia a dia, com muito estudo, com muitas reuniões, né? Comigo. [...]”; **Hera:** “hoje mesmo a gente sabe que o grande foco na Psicologia é a neuro... a neurociência, né? A neurologia. Eu tenho estudado sim também essa área[...]”;

**HR:** [...]quais outros conhecimentos você tem acesso e acha importante utilizar na sua prática?

**Hera:** Literatura, Arte, História. Muito essa coisa da Pedagogia também. Como professora eu sempre tive que estudar muito, né? Pedagogia. [...]Tanto que esse setor aqui, o psicopedagógico, ele... assim, quando você lê a nossa proposta você fala “até que ponto isso é papel do pedagogo e isso é papel do psicólogo?”. É um papel muito entrelaçado, embora seja bem distinto, né?

**HR:** E qual a importância desse entrelaçamento entre esses conhecimentos?

**Hera:** A soma! A soma desse trabalho.

**Hera:** você trabalha[...] com outros profissionais, como é o caso do fisioterapeuta, do fonoaudiólogo, da terapeuta ocupacional, da psicopedagoga, né? Após agora essa entrevista com vocês, a gente tá recebendo... eu tô recebendo a psicóloga, a neuropsicóloga e a psicopedagoga pra discutirmos dois casos.

**Afrodite:** eu bebo de várias fontes, então os autores que eu bebo da Psicologia que são de vários lugares eu tento intercalar com a psicologia educacional, mais eu prefiro estudar a Psicologia Educacional fora da Psicologia Educacional, eu prefiro estudar a Psicologia Educacional estudando psicopatologia, estudando Psicologia institucional, sentando pra lê sei lá, a sutil arte de ligar o foda-se [...].

Apesar desse intenso diálogo interdisciplinar aceito e fomentado por essas profissionais, o uso de materiais de orientação a respeito da prática da Psicologia Escolar/Educacional de autoria do Conselho Federal de Psicologia (CFP) evidenciou-se como inexistente, fato que, durante as entrevistas foi reconhecido pelas próprias participantes enquanto algo que lhes era caro, haja vista as reações de cada uma:

**HR:** Mudando de assunto mais uma vez, você tem contato com... você conhece algum material do CFP, do Conselho, sobre a atuação do psicólogo educacional?

**Hera:** Sim, conheço algumas coisas, leio algumas coisas, mas não tenho assim disponibilizado.

**HR:** Entendi, mas você poderia citar algum?

[Pausa]

**Hera:** Hum... me pegou [risos]

**Afrodite:** [...] do conselho eu só uso muito as resoluções, tá? [...] o que que eu procuro no conselho é mais o direcionamento resolutivo, eu preciso de orientação [...] então esses direcionamentos que esbarra com a ética, que esbarra com a aposta que é profissional aí eu procuro muito conselho nesse sentido [...].

Enfim, apesar de não questionada sobre isso, Hera foi a única psicóloga que fez comentários com a anterior postura que era mais adotada dentro da atuação dos profissionais *psi* nas escolas, mencionando os testes enquanto principal ferramenta de atuação à época e sua meta discriminatória de ajustar os alunos, separando os aptos dos não aptos, sem qualquer conhecimento sobre suas histórias:

**Hera:** Antigamente você tinha uma outra visão de aplicar testes, de saber porque aquela criança não tá aprendendo. Hoje não é só isso. Você precisa conhecer a história desse indivíduo. Dar conta dessa criança. É uma responsabilidade muito grande, é um trabalho muito árduo.

Ao apresentar os **prazeres e desprazeres** que estão relacionados à sua atuação, Atena apresenta que se sente feliz por trabalhar na escola em que atua. Dentre os motivos, destaca-se o fato de que é valorizada e reconhecida neste espaço, como observado na seguinte fala: “a gente é muito ouvido, muito escutado o tempo inteiro. Então o tempo inteiro que há discussão de vai pra onde, vai fazer o quê... E sempre tô presente e sempre sou escutada”. Sendo assim, percebe-se a valorização do profissional de psicologia dentro do espaço escolar faz toda a diferença, uma vez que este sente-se mais à vontade naquele lugar, trabalhando com maior satisfação. Concomitantemente a isso, também lhe agrada o fato de poder debruçar-se e corroborar, junto a outros profissionais, para o desenvolvimento pleno dos alunos da instituição. Por fim, destaca-se que em nenhum momento Atena mencionou a existência de desprazeres com o seu fazer profissional.

Em contraste, tanto Hera quanto Afrodite destacaram prazeres e desprazeres com suas atuações. A primeira chega a dizer que é um trabalho “muito gostoso mesmo”, a ponto de que tamanha seria sua gratificação que nenhuma quantia de dinheiro pagaria essa satisfação. Não obstante, ela chamou de frustrações os desencontros ocorridos entre seu posicionamento profissional e o posicionamento de algumas famílias dentro dessa relação família x escola:

**Hera:** Alguns desafios, algumas dificuldades, por exemplo, èè... às vezes a criança tá aqui, você dá uma orientação, depois o pai acaba tirando, né? Aí você sente... tipo assim, um pesar: “porque que essa criança não continuou pra que a gente pudesse fazer mais, mas são frustrações que todos os profissionais sentem, entendeu? Tem algumas dificuldades também de fazer os pais entender que poderia ser diferente. Algumas crianças que estão na escola e essa família não tem essa parceria com a gente e a gente.... Isso aí

frustra um pouco. Mas são coisas que a gente tem que saber lidar. São frustrações diárias do dia a dia que eu acho que todo profissional hoje tem,

Já a segunda, aponta como sendo muito prazeroso o fato de poder enxergar a evolução do aluno, independente de resultados acadêmicos, a partir de suas intervenções.

**Afrodite:** o que mais me dá prazer [...] é vê que funciona, eu vejo que a Psicologia pode funcionar, mas não é, é um funcionar num sentido assim: o que me dá prazer é chegar aqui e vê um aluno no final do ano que tinha uma produção de ansiedade, que tinha uma produção, não passar no vestibular, mas reconhecer todo um processo de vida, todo um processo, todo um caminhar que foi traçado para além da aprovação.

Por outro lado, a entrevistada aponta que os desprazeres inerentes à sua atuação passam principalmente pelo descrédito atribuído à sua profissão e ao fazer diário de seu trabalho por parte de profissionais que são ou não da área da psicologia:

**Afrodite:** [...] O reconhecimento de que isso não é Psicologia pela própria profissão, os próprios profissionais e por pessoas que não são profissionais também, ah, é um desmerecimento constante do trabalho assim, é o desmerecimento cotidiano mesmo, diário, consistente, [...] a gente é desmerecido, eu me sinto desmerecida, muitos momentos nesse sentido, né? psicólogo faz isso, mas pra que isso?

Outrossim, no que diz respeito a forma de sentir-se no espaço profissional, Afrodite e Hera sustentam que o lado negativo é menor que as alegrias e as conquistas de sua atuação, o que aparentemente indica a presença de sentimentos de realização pessoal frente à profissão, cujos seus efeitos na qualidade dos serviços são inegáveis.

**Afrodite:** ah não, tem muito lado bom, o lado ruim é muito pesado e às vezes desestimula mesmo, a gente fala: porra não vai mudar nunca, não é possível. Nesses momentos em que os projetos dão grandes merdas, mas depois aduba, mais no momento da merda a gente se desestimula”.

**Hera:** Mas, enfim, tem algumas coisas que entristece, que frustra, mas elas são bem menores do que as alegrias e as conquistas. Isso é um fato! Você pode tá cansada como for, é um trabalho árduo, mas basta lhe dizer que com um mês sem menino aqui dentro a gente fica na maior tristeza

Por último, no que se refere aos **principais desafios da área**, Atena aborda que o entendimento da conjuntura política atual se apresenta enquanto um grande desafio, uma vez que os alunos acabam reproduzindo discursos que ferem outros sujeitos. A entrevistada destaca que frente a isso, se deve ser “verdadeiro com o que você acredita, sem também ofender, sem agredir o outro”, cabendo ao psicólogo escolar adotar uma postura de facilitador das relações escolares, almejando níveis maiores de respeito. Essa apreensão de um contexto político desafiador também esteve presente em falas angustiadas de Afrodite, ao expor que



determinados pensamentos marginalizadores existiam de forma mais velada agora estão sendo mais expostos à um terreno fértil para sua difusão, afetando de forma negativa as possibilidades de atuação do psicólogo:

**Afrodite:** [...] tem desafio pra caramba gente, esse novo governo aí é desesperador! Sempre teve desafio, tá? Mas eu acho que eles estão mais, mais, tá deixando de ser cristal, esse cristais transparentes, pra dar cor agora os cristais tão com cor. [...] eu prevejo o psicólogo trabalhando dentro de um engessamento cada vez maior e mais por que é isso que as pessoas têm pedido e tem insistido, sabe? Cê pode fazer esse projeto mais eu quero ele dentro de um gesso dentro de um... estamos vivendo muito, é isso é muito fechado.

Interessante pontuar que as entrevistas se deram poucos meses após um período eleitoral nacional intensamente marcado por polarizações que tensionavam as discussões políticas, sobretudo aquelas contrapunham visões mais progressistas e conservadoras.

Por fim, Hera não se atém a esse contexto social nebuloso, apontando que o principal desafio para a Psicologia Escolar/Educacional é o cuidado de seu profissional com as famílias dos alunos: **Hera:** “Eu acho que o grande desafio do psicólogo educacional hoje é a família. Cuidar da família. E eu acho que é um desafio a longo prazo, né? Não é uma coisa fácil de ser resolvida, entendeu?”. Sobre os focos de atuação de Andrada (2005a), essa postura problematizada pela entrevistada está em consonância com o segundo foco, pelo qual o psicólogo escolar deve fomentar meios de envolver os pais dos alunos na dinâmica escolar.

### Considerações finais

Através dos resultados apresentados neste estudo, torna-se perceptível que o fazer psicológico no âmbito escolar na cidade de Vitória da Conquista é atravessado por diversos entraves que cobram certas posturas desse profissional. Dentre esses, destaca-se o desafio frente à atual conjuntura política, uma vez que essa exige do psicólogo um posicionamento claro e que não deve, de forma alguma, ferir a ética de sua profissão. No que concerne às posturas profissionais, apresenta-se a necessidade de um olhar ampliado sobre a instituição, compreendendo como se dão suas relações e as suas dinâmicas. Corroborando com tal visão, as entrevistadas apresentaram firmemente a necessidade de não apenas atingir os alunos em sua atuação, mas também considerar pais e demais profissionais enquanto atores ativos no processo de ensino-aprendizagem, o que dialoga simultaneamente com os quatro focos de intervenção propostos por Andrada (2005a). Sendo assim, elas se apresentam como facilitadoras das relações escolares, estabelecendo pontes entre todos os setores da instituição

e se aproximando de um paradigma mais circular e sistêmico, com práticas preventivas e se distanciando de um pensamento linear.

Por fim, ressalta-se que a sociedade se estrutura e se movimenta com o indivíduo, influenciando os processos de subjetivação de cada um, assim como as formas predominantes de pensar, o que leva as instituições e profissionais a reverem suas práticas em um processo também mutável. Desse modo, pesquisas futuras que busquem traçar um perfil de atuação apresentam-se enquanto imprescindíveis a fim de compreender como essas mudanças ocorrem e para que ocorrem. Sugere-se ainda, que tal temática seja abordada em diversos contextos, como eventos e salas de aula, para melhor compreensão do fazer do psicólogo nos ambientes educacionais.

### Referências bibliográficas

ALMEIDA, M. do S. da C e.; SOARES, S. R.; BERALDO, F. R. C. L. Docência Universitária, Inovando através do Ensino com Pesquisa. **Revista Plurais**, Salvador, v.1, n. 2, p 175-187, maio/ago 2010.

ANDRADA, E. G. C. de. Focos de Intervenção em Psicologia Escolar. **Psicol. Esc. Educ.**, Campinas, v. 9, n. 1, p. 163-165, jun. 2005a. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v9n1/9n1a19.pdf>> Acesso em 16 dez 2018.

\_\_\_\_\_. Novos paradigmas na prática do psicólogo escolar. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 196-199, 2005b. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v18n2/27470.pdf>> Acesso em 16 dez 2018.

\_\_\_\_\_. Possíveis intervenções do psicólogo educacional: o grupo como espaço de mudanças educativas. **Rev. Estudos de Psicologia**. PUC-Minas, v. 19, n. 3, set./dez. 2002, p. 77-89. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v19n3/a08v19n3.pdf>> Acesso em 16 dez 2018.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa; Edições 70, 1977, 225 p.

BARBOSA, D. R.; SOUZA, M. P. R. de. Psicologia Educacional ou Escolar? Eis a questão. **Revista Semestral da Associação de Psicologia Educacional e Escolar**, SP, v. 16, n. 1, jan./jun. 2012, p. 163-173. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v16n1/18.pdf>> Acesso em 16 dez 2018.

BARBOSA, R. M.; MARINHO-ARAÚJO, C. M. Psicologia Escolar no Brasil: considerações e reflexões históricas. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 27, n. 3, jul./set. 2010, p. 393-402. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v27n3/11.pdf>> Acesso em 16 dez 2018.

CAMPOS, C. J. G. Método de Análise de Conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília, v. 57, n.5, p. 611-614, 2004.

Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v57n5/a19v57n5.pdf>> Acesso em 19 mar 2019.

CASEMIRO, J; P.; FONSECA, A. B. C. da; SECCO, F. V. M. Promover saúde na escola: reflexões a partir de uma revisão sobre saúde escolar na América Latina. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 829-840, 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.org/pdf/csc/2014.v19n3/829-840>> Acesso em 12 abr 2019.

FONTENELE, A. F. G. T.; MELO, A. G. de. Relações étnico raciais: o compromisso da Psicologia educacional na efetivação das leis 10.649/03 e 11.645/08. In: FRANCISCHINI, R.; \_\_\_\_\_ (Orgs.). **Psicologia Escolar: que fazer é esse?** Brasília: CFP, 2016. p. 140-155.

GUZZO, R. S. L. *et al.* Psicologia e Educação no Brasil: uma visão da história e possibilidades nessa relação. **Psic. Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 26, n. spe, p. 131-141, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v26nspe/a12v26ns.pdf>> Acesso em 16 dez 2018.

\_\_\_\_\_. Risco e Proteção: análise crítica de indicadores para uma intervenção preventiva na escola. In: FRANCISCHINI, R.; VIANA, M. N. (Orgs.). **Psicologia Escolar: que fazer é esse?** Brasília: CFP, 2016. p. 9-36.

OLIVEIRA, M. C. S. L. de; DIAS, S. de S. Inclusão como contexto de transição de desenvolvimento: um olhar da Psicologia Escolar. In: FRANCISCHINI, R.; VIANA, M. N. **Psicologia Escolar: que fazer é esse?**. Brasília: CFP, 2016, p. 83-97.

PSICOLOGIA, XIII PLENÁRIO DO CONSELHO FEDERAL DE. **Código de Ética Profissional do Psicólogo**. Brasília: CFP, 2005. Disponível em <<https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>> Acesso em 21 dez 2018.

RONCHI, J. P.; IGLESIAS, A.; AVELLAR, L. Z. Interface entre educação e saúde: revisão sobre o psicólogo na escola. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 22, n. 3, p. 613-620, set/dez 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v22n3/2175-3539-pee-22-03-613.pdf>> Acesso em 12 abr 2019.

VIANA, M. N. Interfaces entre a Psicologia e a educação: reflexões sobre a atuação em Psicologia escolar. In: FRANCISCHINI, R.; \_\_\_\_\_ (Orgs.). **Psicologia Escolar: que fazer é esse?** Brasília: CFP, 2016. p. 54-73.

## Sobre os autores

### Wallace Sousa Cruz

Graduando bacharelado e licenciatura em Psicologia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) –Brasil. E-mail: [wallace890321@gmail.com](mailto:wallace890321@gmail.com);

### Hétone Rodrigues Rocha

Graduando bacharelado e licenciatura em Psicologia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) - Brasil; Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Prisões, Violência e Direitos Humanos – NEPP-UESB. E-mail: [rochahetone13@gmail.com](mailto:rochahetone13@gmail.com);

### Igor Andrade Santos



Graduando bacharelado em Psicologia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) – Brasil. E-mail: [igor.andrade.santos1996@gmail.com](mailto:igor.andrade.santos1996@gmail.com);

### **Carmem Virgínia Moraes da Silva**

Doutora em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB); Professora Adjunta na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) – Brasil; Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Saúde – UFBA/IMS; Líder do Núcleo de Pesquisas e Estudos em Psicologia da UESB – NUPEP-UESB; E-mail: [carmem.virginia@uesb.edu.br](mailto:carmem.virginia@uesb.edu.br).